



“NOW I SEE HER AS A GODDESS”: corpovivências de estudantes de um Instituto Federal do Oeste do Pará nas aulas de inglês sobre bell hooks

Ricardo Regis De Almeida¹
Instituto Federal do Pará

Resumo: Ao longo do primeiro semestre do ano letivo de 2023, articulei com as turmas de segunda série dos cursos técnicos de Agroecologia e de Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio de um Instituto Federal localizado no Oeste do Pará para que mantivessem diários reflexivos sobre as aulas de inglês como parte do processo avaliativo da disciplina de Língua Inglesa II. Neste texto, discuto de que maneiras as corpovivências compartilhadas pelas alunas em seus diários sobre as aulas de língua inglesa em que aprendemos com a vida e obra de bell hooks apontam para horizontes decoloniais. Com vistas a lançar olhares outros para o que coconstruímos nessas aulas, busco respaldo em discussões praxiológicas realizadas por autoras/es inseridas/os na seara do pensamento decolonial (Ballestrin, 2013; Menezes de Souza; Martinez; Diniz de Figueiredo, 2019; Núñez; Oliveira; Lago, 2021; Quijano 2005), bem como no conceito de corpovivências, o qual defendi em minha tese de doutorado (Almeida, 2023). Ao que tenho percebido nas aulas e com base nos relatos das/os estudantes em suas notas reflexivas, as quais já foram lidas, comentadas e devolvidas por mim no final do primeiro semestre, a escrita dos diários tem contribuído para a ampliação de seus repertórios em língua inglesa e, principalmente, auxiliado na percepção de que a(s) língua(gen)s não servem apenas para propósitos comunicativos, mas possuem vieses políticos, sociais, culturais, hierarquizantes, excludentes e, sobretudo, responsáveis pela racialização e exclusão de determinados corpos (negros, indígenas, homossexuais, gordos etc.) em contexto colonial. Por outro lado, como uma das alunas esperança (do verbo esperar) em seus escritos e que compartilho aqui, “agora que sabemos disso, é possível transformá-la”.

Palavras-chave: Decolonialidade. Corpovivências. Língua Inglesa. Diário reflexivo.

Introdução

O ano de 2023 iniciou repleto de desafios para mim – finalização da escrita da tese de doutorado, início da minha trajetória docente como professor efetivo em um Instituto Federal, mudança de estado, cidade, casa e o distanciamento de pessoas queridas do meu

¹ Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e graduado em Letras: Português/Inglês também pela UEG. Professor EBTT de Língua Inglesa no Instituto Federal do Pará, coordenador do Centro de Idiomas do campus em que atua e vice-líder do Grupo Multidisciplinar de Pesquisas e Estudos Decoloniais de Raça e Gênero. E-mail: ricardo.almeida@ifpa.edu.br



convívio social. Por outro lado, tive a oportunidade de conhecer colegas docentes engajadas/os na luta contra as colonialidades, cito aqui a Professora Dra. Priscilla Bezerra, bem como alunas/os dispostas/os a colaborar na construção política do currículo da disciplina de Língua Inglesa II.

No primeiro dia de aula, por exemplo, propus para as turmas de segunda série dos cursos técnicos de Agroecologia e de Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio que mantivessem um diário reflexivo sobre as aulas de inglês. Expliquei o passo-a-passo para o registro das atividades e dei exemplos de como poderiam fazer em seus diários. Alguns critérios avaliativos foram estabelecidos: os diários deveriam ser exclusivamente para a disciplina, os registros deveriam ser feitos em inglês e, principalmente, as/os alunas/os precisavam escrever o que sentiam, des/re/aprendiam, necessitavam nas aulas de inglês. Em outras palavras, a proposta dos diários reflexivos (*Reflective Journals*) girava em torno dos anseios e das conquistas das/os aprendizes, e não de relatórios do que era apresentado nas aulas.

Este estudo tem como foco a análise das experiências compartilhadas por quatro estudantes do curso técnico de Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio (2ª série), registradas em seus diários reflexivos, ao longo de dezoito aulas em que aprenderam com a vida e obras de bell hooks. Nessa ótica, o objetivo principal é identificar de que maneiras as *corpovivências* registradas pelas alunas em seus diários reflexivos apontam para possíveis horizontes decoloniais nas aulas de língua inglesa.

O artigo está organizado da seguinte forma: início mobilizando as praxiologias acadêmicas que inspiraram o estudo; em seguida, apresento o percurso didático feito durante as aulas de inglês em que discutimos a vida e duas das obras de bell hooks; logo após, discuto as notas das aprendizes presentes em seus diários reflexivos; e, por fim, entretexo as praxiologias acadêmicas àquelas realizadas pelas aprendizes na intenção de compreender se e em que medida as nossas aulas de língua inglesa foram capazes de combater colonialidades, apontando, assim, para possíveis horizontes decoloniais.



Praxiologias acadêmicas

O binarismo corpo x espírito está presente na maior parte das nossas avaliações sobre o mundo, embora quase sempre isso ocorra de modo irrefletido. O sociólogo brasileiro Jessé Souza (2021, p. 72), por exemplo, argumenta que “tudo o que associamos ao que é superior e nobre irá se referir ao espírito, ao passo que tudo que é inferior e considerado vulgar será associado ao corpo”. Como o estudioso assevera, essas categorias não são universais e estão intimamente ligadas ao desenvolvimento histórico do Ocidente. Prova disso, nos diz ele, é o que ocorre na Índia, lugar em que a oposição moral se dá entre puro e impuro.

Nessa seara, a noção de corpo como lugar de inferioridade e banalização é construída ao longo dos séculos no ocidente e tomada como natural, necessária e universal, principalmente por instituições como a família, a escola e a igreja (Souza, 2011). Ao situar esses estigmas em contexto colonial, é possível perceber de que maneiras o corpo passa a ser o critério de distinção entre o que pode ser considerado humano e não-humano. Será essa hierarquização, possível somente por meio da noção de racialização dos corpos, que ditará todos os outros binarismos que conhecemos. Fruto das violências coloniais, os corpos não-brancos, não-heterossexuais e não-monogâmicos passam a sofrer as consequências mais cruéis desse sistema de dominação, na medida em que “assim como o agronegócio explora, exaure e esgota a terra, também o capitalismo, o racismo, a transfobia e as demais violências exploram nosso corpo-território” (Núñez; Oliveira; Lago, 2021, p. 86).

Com vistas a denunciar e, em alguma medida, ressignificar a concepção de corpo como lugar de exploração, hierarquizações e violências, propus a noção de *corpovivências* em minha tese de doutorado (Almeida, 2023). Conforme argumento em meu trabalho, a noção de corpo que prevalece em Abya Yala desde o final do século XV atua na “legitimidade racial, linguística, epistemológica e ontológica do homem branco, heterossexual, patriarcal, europeu e cristão como representação única e necessária do sujeito moderno” (Almeida, 2023, p. 20). Ante o exposto, defendo a reinserção de corpos não-brancos, antipatriarcais, antirracistas, anticapitalistas e antiheteronormativos como aspecto elementar na identificação, questionamento e interrupção (Menezes de Souza; Martinez; Diniz de Figueiredo, 2019) dos mais diversos prejuízos (econômicos, raciais, ontoepistemológicos, históricos etc.)



provocados pela colonização e seus resquícios sentidos e vivenciados até hoje por meio da colonialidade.

Sobre este último termo, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) o compreende como a forma de dominação mundial nos dias atuais, uma vez que o colonialismo como ordem política foi superado com a independência das colônias, porém, como nos recorda Ballestrin (2013, p. 99), “as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo”. Nessa direção, faz-se mister compreender a colonialidade como um construto ubíquo, estando presente nos nossos modos de ser, sentir e conhecer o mundo e a nós mesmos/as. Como argumento alhures, “a colonialidade é pervasiva, embora sentida/vivida/sabida de modos distintos pelos povos colonizados” (Almeida, 2023, p. 21).

Reiterando o que alego na tese, a concepção de corpovivências não surge no vácuo, sendo esta uma proposta profundamente afetada pelo construto de *escrevivências*, de Conceição Evaristo. Em consonância com o pensamento da escritora, compreendo que as nossas vivências são sempre atravessadas pelas de outrem, as quais passam a conferir sentido à nossa própria existência. Para Evaristo (2017), a escrevivência representa a força motriz de suas ancestrais negras escravizadas, sendo estas mulheres responsáveis por uma cultura de oralidade capaz de inundar e transformar o papel da escrita com suas histórias de resistência e reexistência à colonialidade e suas múltiplas dimensões. As *corpoescrevivências* de bell hooks, a meu ver, trazem em seu bojo um existir decolonial necessário nas aulas de língua inglesa. É a partir desse amálgama praxiológico, no qual teoria, corpo, escrita e vivência se confundem, que propus a escrita de diários reflexivos nas aulas de língua inglesa – como uma possibilidade real e fértil no combate às colonialidades e na construção de horizontes decoloniais.

Construindo o estudo

Pensar um estudo como este é, com efeito, mexer com as estruturas coloniais. No intuito de empregar uma metodologia outra, argumento que um dos pressupostos utilizados para a construção deste trabalho parte de uma sensibilidade profunda “às demandas dos



corpos colonizados, que estão dentro das zonas do ‘não ser’ da modernidade, e, ao assumir esse lugar epistemológico, se propõem a elaborar um caminho, conforme cada pesquisa, para decolonizar esses corpos e suas realidades” (Dulci; Malheiros, 2021, p. 177, grifos no original).

Nessa linha de raciocínio, torna-se inviável pensar uma metodologia de pesquisa que ignore os anseios das/os agentes de nossos estudos, isto é, para decolonizar qualquer conhecimento dito científico e universal, é preciso escutar e acolher saberes outros. Esse caminho, a meu ver, pode contribuir para “uma construção coletiva do conhecimento, na qual os pesquisadores devem estar predispostos a desaprender e a reaprender” (Dulci; Malheiros, 2021, p. 180).

Na tentativa de coconstruir saberes e repensar a sala de aula de língua inglesa como espaço de resistência e de questionamento às colonialidades, propus, no início do ano letivo de 2023, que as/os aprendizes da disciplina de Língua Inglesa II dos cursos técnicos de Agroecologia e de Meio Ambiente Integrados ao Ensino Médio, de um Instituto Federal localizado no Oeste do Pará, mantivessem diários reflexivos (*Reflective Journals*) sobre as nossas aulas. Para tanto, a primeira aula do ano foi pensada para apresentar os critérios de realização dos diários e como as/os estudantes seriam avaliadas/os no decorrer do primeiro semestre. A ideia era simples: o diário precisava ter um nome e deveria ser registrado naquelas folhas aquilo que tocou, mexeu, instigou possibilidades outras de se pensar e des/re/aprender a língua inglesa e a vida de modo geral. As/Os estudantes também deveriam separar um caderno somente para esta atividade, poderia ser usado ou novo, porém de uso exclusivo da disciplina.

Para este estudo, focalizarei as experiências coconstruídas com a turma de Meio Ambiente II sobre a vida e a obra de bell hooks. Ao todo, foram dezoito aulas, ocorridas ao longo dos meses de abril e junho de 2023, em que conversamos e nos deixamos embalar pelos ensinamentos dessa autora negra. Distribuídas entre vocalização de histórias, desenhos, leitura de textos acadêmicos, confecção de mural, escrita de texto crítico e realização de atividades de leitura e compreensão, os nossos encontros foram recheados de afeto e muita problematização.

Dei início ao percurso didático (Sabota, 2017) sobre bell hooks no dia 15/04/2023 com a performance da história *Straightening our hair*. Após a vocalização do conto, a qual



envolveu muitos gestos, escrita de palavras no quadro e algumas intervenções para que a turma continuasse engajada comigo na construção de sentidos daquela narrativa oralizada em língua inglesa, solicitei que a turma ilustrasse o que aquele emaranhado de sons, gestos e palavras escritas significaram para elas/eles. Ilustrações de mulheres negras, *hot combs*, cozinhas cheias de mulheres e cabelos crespos encheram a minha pasta no dia de entrega dos trabalhos.

Nas aulas do dia 17/04/2023, devolvi os diários reflexivos da turma e tivemos uma sessão de feedback. Foi um momento enriquecedor em que diversas/os alunas/os disseram ter aprendido muitas palavras novas em inglês, bem como reconhecido a importância de falar mais sobre si mesmas/os.

Nas aulas do dia 24/04/2023, as/os aprendizes realizaram uma pesquisa mais aprofundada sobre a biografia de bell hooks e construíram um *mind map* com as informações encontradas. Para tanto, exemplifiquei como construir um mapa mental no início da aula e solicitei que este fosse feito em língua inglesa.

Nas aulas do dia 08/05/2023, a turma fez uma roda de conversa e todas/os tiveram a oportunidade de ler os seus mapas mentais e compartilhar com as/os colegas os seus achados sobre a autora.

Nos dias 15, 22 e 29/05/2023, as/os estudantes leram o capítulo 11 “*Language – teaching new worlds – new words*”, do livro “*Teaching to transgress: education as the practice of freedom*”, de bell hooks, e realizaram uma atividade de interpretação elaborada por mim. Na atividade, as/os aprendizes tinham que: 1) completar os espaços em branco das citações selecionadas com as palavras do texto; 2) traduzir as citações para a língua portuguesa; 3) criar uma lista de vocabulário com palavras novas presentes no texto; e 4) elaborar um texto crítico² utilizando ao menos duas das citações presentes na questão de número um. No dia 29/05/2023, as/os estudantes entregaram seus trabalhos e aquelas/es que quiseram, leram seus textos críticos, escritos em inglês, para as/os colegas.

Nas aulas dos dias 16 e 19/06/2023, realizamos a segunda sessão de feedback dos diários reflexivos. Desta vez, optei por uma avaliação oral dos conteúdos que estudamos ao

² A proposta de escrita de um texto crítico gira em torno da capacidade de produzirmos escritos que articulem aquilo que lemos com aquilo que corpovivenciamos.



longo do bimestre. Foi um momento em que pude perceber notadamente que as aulas sobre a vida e algumas das obras de bell hooks marcaram a vida de muitas/os estudantes.

A seguir, discuto as corpovivências de quatro estudantes compartilhadas em seus diários reflexivos sobre as aulas em que problematizamos e aprendemos com a vida e obra de bell hooks, especialmente nos encontros de 15/04/2023 e 29/05/2023.

Combatendo colonialidade(s) nas aulas de inglês

Como dito anteriormente, as/os estudantes escolheram seus diários reflexivos e os deram um nome. Os quatro trabalhos analisados foram intitulados *Chuu*, *Romeo*, *Ruoye* e *Darling* pelas aprendizes. As responsáveis por esses materiais são quatro alunas do curso de Meio Ambiente (2ª série) e eu solicitei previamente a autorização das aprendizes para que pudesse utilizar esse material na comunicação feita no XIX ENFOPLE. Abaixo, as capas dos diários problematizados neste estudo:

Figura 1: capas dos diários reflexivos de quatro estudantes do curso de Meio Ambiente



Fonte: acervo pessoal do autor

Como podemos ver, as capas dos diários trazem estampadas imagens de borboletas, o pequeno príncipe, um gato sobre um caderno e a cantora estadunidense Lana del Rey. De acordo com Silva (2014, p. 542), embora o diário seja comumente utilizado para contribuir



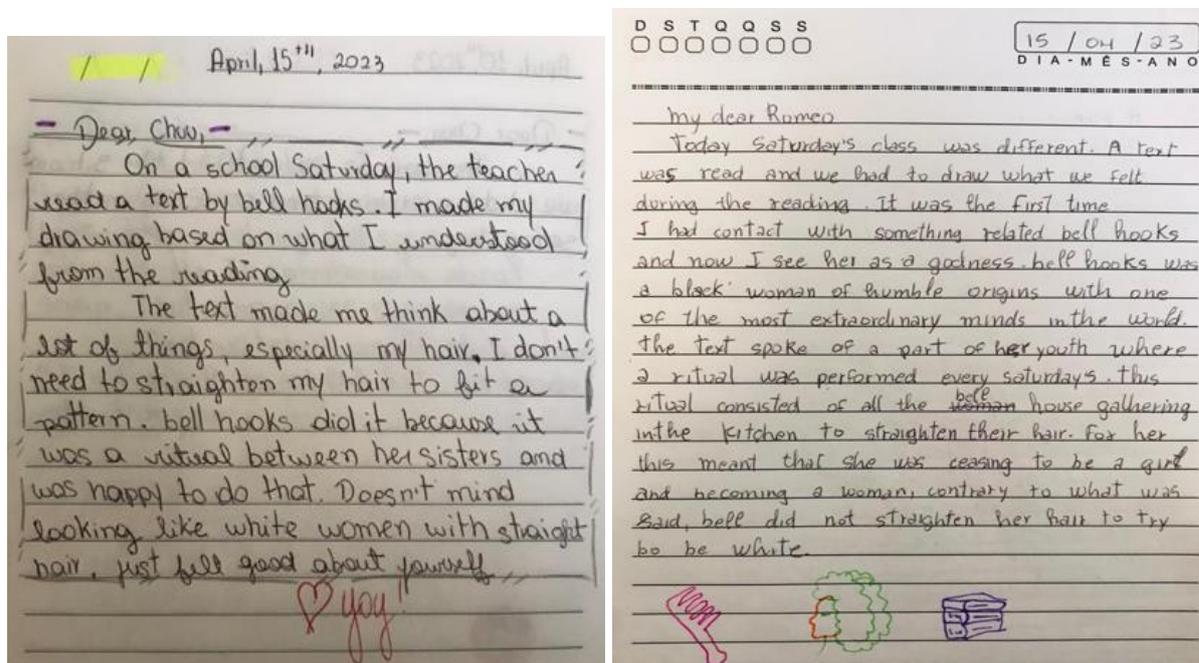
com a aprendizagem das/os aprendizes, faz-se relevante compreender que “o professor também se beneficia dessa escrita, pois ele lê o que os alunos estão escrevendo e, em sua leitura, ele reflete sobre sua prática em sala de aula”.

Corroborando as palavras da estudiosa, compreendo que as reflexões das/os estudantes realizadas em seus diários me fizeram perceber e transformar as aulas de inglês a cada vez que tinha contato com as suas escritas (Evaristo, 2017). Dessa maneira, uma das reflexões que teço diz respeito à ausência de um momento em que as/os aprendizes pudessem se apresentar em seus diários. Por eu não ter proposto isso às/aos estudantes, não há um lugar nos diários em que elas/eles falem de si, das suas biografias. A meu ver, informações como raça, gênero, classe social e visões de língua[gem] precisam aparecer nesse tipo de trabalho. Para professoras/es que desejem trabalhar com diários reflexivos, sugiro que iniciem suas propostas solicitando uma narrativa pessoal das/os aprendizes abrangendo os dados elencados anteriormente, ou outros que achar conveniente. Essas informações corporificam o trabalho com diários e melhor localiza quem fala, de onde fala, por que fala, e para quem fala.

bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, fez parte da nossa trajetória de des/re/aprendizagem nas aulas de língua inglesa. Ela nasceu em 25 de dezembro de 1952 e faleceu em 15 de dezembro de 2021, no estado do Kentucky, no Estados Unidos da América. O nome bell hooks é uma homenagem feita a sua bisavó materna e busca honrar as suas ancestrais femininas. As iniciais minúsculas em seu nome foram utilizadas para focalizar a sua mensagem, em vez de si mesma. Sua vasta e necessária bibliografia é composta por livros que discutem o amor, o corpo da mulher negra, o patriarcado, o machismo, o capitalismo, dentre tantos outros aspectos. Um dos conceitos utilizados pela autora que intenta englobar essas complexidades é *patriarcado supremacista branco capitalista imperialista*. Para a estudiosa, era preciso nomear esse sistema excludente responsável por colocar corpos não-brancos em um não-lugar de existência. A performance do texto *Straightening our hair*, realizada por mim no dia 15/04/2023, deu início ao percurso didático sobre bell hooks. A seguir, mobilizo as reflexões de duas alunas sobre essa atividade:



Figura 2: diários reflexivos I e II



Fonte: acervo pessoal do autor

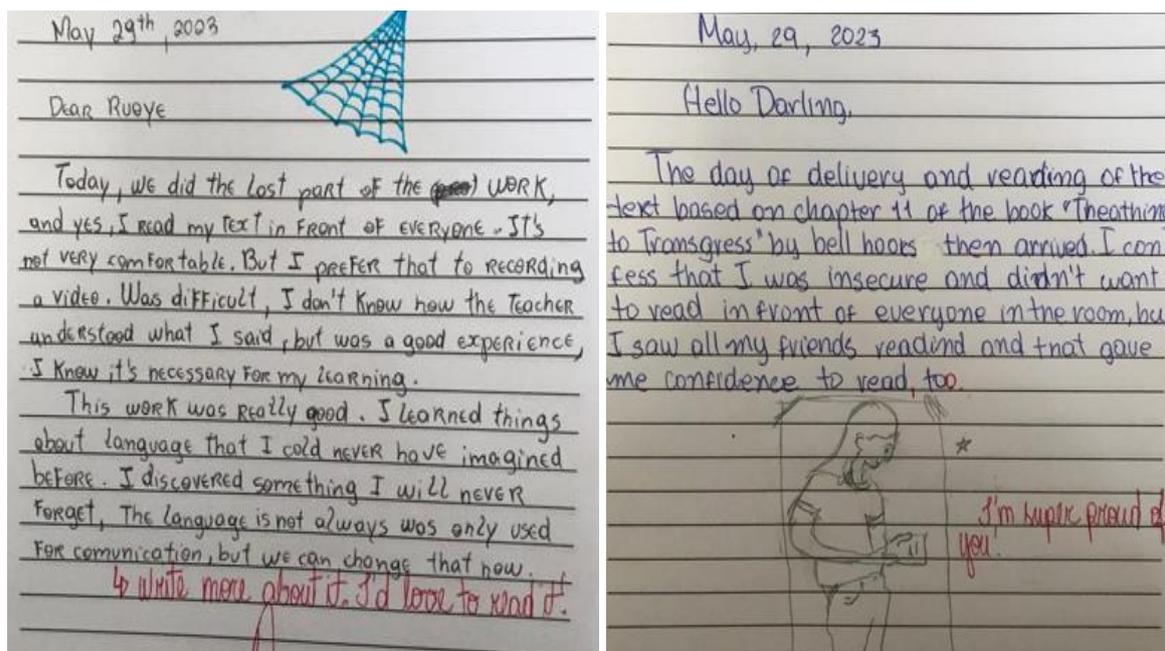
Como podemos perceber, a estudante responsável pelo diário reflexivo I, chamado por ela de *Chuu*, tece uma reflexão sobre o seu próprio cabelo, afirmando que não precisa alisá-lo para se encaixar em determinados padrões. No meu entendimento, essa declaração está intimamente relacionada às suas próprias corpovivências, isto é, me parece que alisar os cabelos era uma prática comum a essa aluna. Por outro lado, as escrevivências de bell hooks parecem ter contribuído para que a estudante compreendesse que os seus cabelos fazem parte da sua identidade, dizem muito sobre quem ela é. E quem ela é, naquele momento de escrita, não compactua com os pressupostos da branquitude, como podemos ver em “*doesn't mind looking like a white women with straight hair, just feel good about yourself*”.

As reflexões presentes no diário reflexivo II, chamado pela estudante de *Romeo*, trazem a inspiração para o título deste artigo “*now I see her as a goddess*”. A aluna diz que foi o seu primeiro contato com bell hooks e que aquele encontro foi suficiente para que ela percebesse na autora uma grande inspiração de vida. É interessante notar, ainda, que a aprendiz recorre a imagens para compor outros sentidos ao que ocorreu na aula. As imagens de uma mulher com cabelo afro (no centro), um pente (à esquerda da imagem) e uma pilha de



livros (à direita) são linguagens que também constituem significados para a aluna. Abaixo, outros dois diários reflexivos que também exploraram outras linguagens além da escrita.

Figura 4: diários reflexivos III e IV



Fonte: acervo pessoal do autor

As reflexões postuladas acima referem-se ao momento em que as estudantes apresentaram³ seus textos críticos para a turma. Após a leitura e discussão do capítulo de livro *Language – teaching new words, new worlds*, as/os aprendizes responderam a uma lista de exercícios, dentre os quais envolvia a escrita e a leitura de um texto crítico. Assim como a autora do diário *Romeo*, as escritoras de *Ruoye* e *Darling* também recorreram a recursos visuais, os quais remetem a uma rede ou teia de aranha (imagem à esquerda) e a um desenho da aluna lendo seu texto crítico para a turma (imagem à direita).

A oralidade é uma barreira muito presente nas aulas de línguas, principalmente no contexto das escolas públicas brasileiras. Muitas/os estudantes não se sentem confiantes para ao menos ler algo em inglês, como diz uma das alunas em seu *reflective journal*. Por compreender que este obstáculo está intrinsecamente relacionado a uma construção política e excludente bastante situada, na qual as/os alunas/os são vistas/os como meros receptáculos de

³ Às/Aos estudantes que não quiseram apresentar seus textos para a turma lhes foi dada a possibilidade de gravarem um vídeo lendo os trabalhos. A gravação foi enviada para o número de WhatsApp do professor.



conteúdos – aquilo que Paulo Freire chama de educação bancária, busco, sempre que possível, nas minhas aulas de língua inglesa, oportunizar momentos em que as/os aprendizes falem em inglês. Nunca com base nos pressupostos do ideal do falante nativo, mas com o objetivo de fortalecer as pessoas que fazem uso dessa língua para lutar por suas existências em um mundo embebido pelas colonialidades.

A meu ver, as duas estudantes representadas por seus diários reflexivos conseguiram realizar a importância de usarem sua voz na aprendizagem de línguas. Por vias diferentes, ambas superaram o seu receio de falar em inglês e foram capazes de ler seus textos críticos para a turma. Como a autora de *Rouye* expressa em uma de suas notas, as aulas sobre bell hooks a auxiliaram na percepção de que a língua[gem] não se restringe à comunicação. Assim como a questiono em seu diário, eu adoraria saber quais os desencadeamentos dessa constatação em sua vida escolar.

Reflexões finais

Ao longo de dezoito aulas, tivemos a oportunidade de des/re/aprender com a vida e obra de bell hooks. Compreender que a língua extrapola a mera noção de comunicação, passando a ser objeto de hierarquização, exclusão, preconceito e apagamento, é uma das mais importantes reflexões que faço a respeito deste trabalho. Imiscuído com as corpovivências das quatro estudantes que aceitaram compartilhar suas reflexões neste artigo, considero que o trabalho com diários reflexivos foi uma ferramenta importante no combate às colonialidades.

Os desenhos, os nomes dos diários, os adesivos, as capas, as palavras grafadas... todos os recursos semióticos empregados pelas/os alunas/os compuseram sentidos outros à uma noção de língua[gem] preocupada em ditar regras, criar barreiras, excluir corpos. Com estas constatações, finalizo o presente texto endossando que a escrita de diários reflexivos pode sim apontar para horizontes decoloniais, desde que sejam utilizados como meio e não como fim.

Às estudantes que compartilharam algo tão pessoal, agradeço pela confiança. À autora que nos inspirou em nossas aulas de inglês, espero recompensar tantas des/re/aprendizagens com a escrita deste texto. A vocês, meu muito obrigado!



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ricardo Regis. **Corpovivências decoloniais compartilhadas e coconstruídas nas (e para além das) aulas de língua inglesa de um curso de Letras: português e inglês**. 236 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

DULCI, Tereza Maria Spyer; MALHEIROS, Mariana Rocha. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, p. 174-193, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade; MARTINEZ, Juliana Zeggio; DINIZ DE FIGUEIREDO, Eduardo Henrique. “Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito”: entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP). **Revista X**, [S.1], v. 14, n. 5, p. 05-21, 2019.

NÚÑEZ, Geni Daniela; OLIVEIRA, João Manuel; LAGO, Mara Coelho Souza. Monogamia e (anti) colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. **Teoria e Cultura**, v. 16, n. 3, p. 76-88, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005. p. 117-148.

SABOTA, Barbra. Formação de professores de língua estrangeira: uma experiência de pesquisa-ação no estágio supervisionado de língua inglesa. In: SABOTA, B.; SILVESTRE, V. P. V. (org.). **Pesquisa-ação & formação: convergências no estágio supervisionado de língua inglesa**. 1. ed. Anápolis, Editora da UEG, p. 43-65, 2017.

SILVA, Márcia Aparecida. Diários reflexivos e avaliação formativa: um olhar sobre a prática do professor. **Domínios de Lingu@ gem**, v. 8, n. 1, p. 541-542, 2014.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. São Paulo: LeYa, 2021.